

IV. Mário Cláudio no Espelho das Artes

Annabela RITA

*Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da
Universidade de Lisboa¹*

Nota Biobibliográfica

Doutorada em Literatura Portuguesa e com Agregação em Literatura, que trabalha na sua relação com as outras artes, é Professora na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Professora/Investigadora Visitante de diversas universidades (Brasil, Espanha, Itália, Varsóvia), é Presidente da Academia Lusófona Luís de Camões, do Instituto Fernando Pessoa – Língua Portuguesa e Culturas Lusófonas (da SHIP) e da Assembleia Geral da COMPARES (International Society for Iberian-Slavonic Studies), Vice-Presidente do Conselho Científico do Instituto Europeu de Ciências da Cultura – Padre Manuel Antunes, Coordenadora do CLEPUL (Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias), integra as Direções da Associação Portuguesa de Escritores, do Observatório da Língua Portuguesa e da Sociedade Histórica da Independência de Portugal, a Comissão Científica Internacional da Cátedra Infante Dom Henrique para os Estudos Insulares Atlânticos e a Globalização (CIDH), os Conselhos Científicos e Consultivos de diversas instituições, plataformas interinstitucionais (Letras Com(n)Vida, CILEC – Congresso Internacional de Literatura Espanhola Contemporânea) e de Edições de Obras (Obra Completa do Padre António Vieira, Obra Completa Pombalina, Obras Pioneiras da Cultura Portuguesa, etc.), tendo sido membro fundador de algumas. Algumas Distinções: Diploma de Mérito Cultural atribuído pela Academia Brasileira de Filologia e pela Faculdade CCAA, do Rio de Janeiro, em 17 de setembro de 2007; Medalha Municipal de Mérito – Grau Ouro atribuída por unanimidade pela Câmara Municipal de Oeiras em 7 de junho de 2010; Medalha de Mérito Cultural do CLEPUL (Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias), Lisboa, 16 de julho de 2012; Embaixadora da Meeting Industry e da Economia do Conhecimento, “excelente e digna representante na sua área profissional” em Portugal, “Membro do Clube de Embaixadores de Cascais e da Costa do Estoril”. Cerimónia do II Encontro do CECE. Costa do Estoril, 22 de fevereiro de 2013; Membro Honorário do Círculo de Escritores Moçambicanos na Diáspora (CEMD) “por reconhecidos méritos académicos e grande contributo para o



¹Cf. <https://sites.google.com/site/annabelarita1/>.

estudo e divulgação das literaturas e culturas lusófonas”. Centro Cultural de Cascais, 1 de julho de 2016; Certificado de Mérito da World Communication Association pela relevância do seu trabalho e pelo significativo contributo para a WCA. Atribuição: agosto/2015. Entrega em fevereiro/2017; Membro Correspondente do Instituto Balear de la Historia por “su seria y profesional trayectoria, así como su excelso Cv”. Ilhas Baleares, 30/6/2017. Com direção, coordenação e/ou consultoria de várias coleções, revistas (Anpoll (Universidade de S.^{ta} Catarina/Florianópolis), Anuário de Literatura (Universidade de S.^{ta} Catarina/Florianópolis), Études Romanes de Brno (Universidade Masaryk de Brno), Graphos (Universidade de S.^{ta} Catarina/Florianópolis), Letras Com(n)Vida, Nova Águia – Revista de Cultura para o Século XXI, Telheiras – Cadernos Culturais, etc.), Congressos Científicos (inter)nacionais, Biblioteca online (LUSOSOFIA), secção no Wall Street International, edição de autores e de obras, participação em júris de prémios literários nacionais e internacionais. **Obras principais:** *Luz e Sombras no Cânone* (2014), *Focais Literárias* (2012); *Paisagem & Figuras* (2011); *Cartografias Literárias* (2010; S. Paulo, 2012); *Itinerário* (2009); *No Fundo dos Espelhos* (2 vols., 2003-07), *Emergências Estéticas* (2006); *Breves & Longas no País das Maravilhas* (2004); *Labirinto Sensível* (2003); *Eça de Queirós Cronista* (1998). Últimas obras coordenadas: *Fabricar a Inovação. O Processo Criativo em Questão nas Ciências, nas Artes e nas Letras e Entre Molduras* (2017), *A Metamorfose nas Artes, nas Letras e nas Ciências* (2016), *Do Ultimato à(s) República(s)* (2012).

Mário Cláudio (n. 1941), autor multiplamente distinguido nas Letras nacionais², desenvolve, na sua obra, uma *escrita refletida no espelho das Artes e da portugalidade*. Por um lado, a sua ficção inscreve as insígnias da alteridade autoral e estética na qual se projeta em refrações, face à qual se posiciona, promovendo a suspeição de si na leitura. Por outro lado, reconfigura a metamorfose da identidade nacional na sua ficção. Ambíguo e simbólico palimpsesto em que cada imagem efabula, fusionalmente, a do sujeito autoral e a da comunidade.

A *Trilogia da Mão* (1993) alinha em *Amadeo* (1984), *Guilhermina* (1986) e *Rosa* (1988), biografias ficcionais ou ficções biográficas, *mão* exprimindo-se artisticamente na pintura, na música e na olaria, tecendo-as de analogias entre si e com a literatura, convocando o diálogo das artes (*ut... poesis*): o

²Comendador da Ordem Militar de Sant'Iago da Espada, foi distinguido com o Grande Prémio de Romance e Novela APE/IPBL (1984) e APE/DGLAB (2014), o Prémio Seiva de Literatura (1993), o Prémio Pessoa (2004), o Prémio Clube Literário do Porto (2005), o Prémio Personalidade do Ano – Categoria: Literatura | Gala: The Best of Porto (2006), o Prémio Vergílio Ferreira (2008), o Prémio Fernando Namora (2008), etc.

ato criativo revela-se e demonstra-se na travessia da modernidade – *Ama-deo de Souza-Cardoso* (1887-1918), *Guilhermina Augusta Xavier de Medim Suggia* (1885-1950) e *Rosa Ramalho* (1888-1977) –, dos seus lugares identitários (de cesária evocação) e das suas dimensões (espaço, tempo e volumetria). O movimento da *mão* cartografa a arte num século da nossa modernidade, oferecendo um mapa-espelho sombreado pela homóloga que a desenha... lembrando as *Drawing Hands* (1948), de M. C. Escher (1898-1972). E o progresso da *mão* na linha do tempo, sinalizando os programas estéticos, vai, também, estranhando mais e mais esse Portugal tradicional, a perder nitidez na distância de si, por fim, convertido num insólito país de reis, bichos, santos e monstros de barro.

Essa *mão autoral* representa-se nas diferentes idades do homem, na foz desse longo rio que brota da mais arcaica das do mundo: *Astronomia* (2015) oferece em tríptico (*Nebulosa*, *Galáxia* e *Cosmos*) o romance da vida do autor, cadenciado pela rememoração de si na história coletiva. Ou traveste-se no romance da vida de imaginária e imaginada personagem (*Tiago Veiga — Uma Biografia* (2011) e da sua suposta obra (*Os Sonetos Italianos de Tiago Veiga*, 2005), bisneto do seu primeiro profissional nas Letras nacionais: Camilo (*Camilo Broca*, 2006).

Mão reconduzida à plenitude do homem *em relação*, entre diferentes e distanciadas gerações, culturas e mentalidades e na sua vitruviana inscrição no mundo: *Boa Noite, Senhor Soares* (2008), *Retrato de Rapaz* (2014) e *O Fotógrafo e a Rapariga* (2015). Pessoa, Leonardo da Vinci e Lewis Carroll e os seus universos labirínticos, complexos, vibrantes de desassossego e especularidades.

Enquadrando esses trípticos dos sujeitos autorais, encenações do país, constituem um outro: *A Quinta das Virtudes* (1991), *Tocata para Dois Clarins* (1992), *O Pórtico da Glória* (1997). Efabulações inscritas em ficções da História onde emergem símbolos da hermenêutica da sua cultura, mitos de *outrora-agora-não mais*, fragmentos de um *crepúsculo dos deuses* nacional. Nele, a *mão* escreve os seus evangelhos para o bíblico edifício da literatura de si e de si na literatura:

E à luz do entardecer de cada livro escrito, eis que se disporão os profetas, os santos e os anjos, impregnados do Espírito, na granulosa pedra, em que foram representados, a acolher os peregrinos de sempre.³

Nesse fim de tarde cesárico anunciando “A flauta calma de Pã, descendo / Seu tom agudo no ar pausado” (Ricardo Reis), tempo de um fauno (Stéphane Mallarmé) que Nijinski dançou ao som de Claude Debussy (*Prélude à l’après-midi d’un Faune*, 1892-94), ouve-se uma Tocata... aproximemo-nos e atente-mos ao seu diálogo com as letras e as artes nacionais.

Tocata para Dois Clarins (1992)

A *tocata* é uma peça de música erudita para um instrumento de teclas e visa evidenciar o virtuosismo do intérprete. A forma surgiu na Renascença e, mais tarde, alguns, como Robert Browning, usaram-na para evocar a efemeridade da vida. O clarim é um aerofone da família dos metais usado, principalmente, em cerimónias militares, mas também em casamentos.

Assim, a *tocata* de Mário Cláudio⁴ conjuga uma dupla função: a de *memento mori*, por um lado, e a de celebração do amor e da morte (pátrios e nupciais), por outro.

Memento mori, a *tocata* atravessa a ficção vibrando nos sinais funestos ou que podem sugeri-los entre o concerto de abertura de 1936, de beneficência, e a da ritualística evocação do batizado do filho do casal António e Maria, *noturno* da sua existência. Pelo caminho, a montagem da Exposição do Mundo Português (1940), a sua visita, a sua desmontagem antecipando a desmontagem do império representado, passando pelo drama dos seus protagonistas no regresso e na resistência nesses outros palcos (no caso, o africano). *Crepúsculo dos Deuses* que se erguem em pedra fitando o mar e, através dele, enfrentando o enigma da Esfinge, última vencedora no fim de oito séculos de história nacional.

A esfera armilar transita do quadro épico para a *Esfera dos Descobrimentos* (dos Arqs. Cottinelli Telmo e Pardal Monteiro), rodeada pelos signos onde a astronomia e a astrologia convergiam, e para uma torre de vigia, teimando em manter o sonho imperial, a ânsia de universal:

³CLÁUDIO, Mário, *Pórtico da Glória*, Lisboa, 1997, p. 216.

⁴Idem, *Tocata para Dois Clarins*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1992.

E uma esfera armilar, apenas, certificando que o sonho, afinal, se não desfizera, girava e girava, sem detença, no pináculo de uma torre.

“A mão do Homem ergueu-a, a memória guardou-a. Desfez-se o sonho. Ruíram as pedras pela mesma vontade e pela mesma mão que as juntaram. Ficou a realidade. Rasgou-se o livro. Ficou o conhecimento da lição aprendida. Aqui, exaltou-se a bravura indómita dos companheiros de Afonso Henriques. Além, perpassa um frémito de Epopeia. Ecos de vozes de comando. Fervores de Evangelização. Alucinações de carnagem. Arfar de peitos heróicos, violentados à luz feroz... E o mar em quietude de lago, onde se baloiçava o retábulo doirado de uma caravela...” Rezava assim um artigo do *Mundo Gráfico*, em trinta de Novembro de mil novecentos e quarenta, comemorando as exéquias da Exposição. (pp. 172-173.)

Na Exposição que se ergue, se (re)visita e se desmonta representa-se o ciclo português imperial da gestação até à sua morte. Cada peça se torna, assim, no signo ficcional, celebração e lápide, monumento dúplice:

E quem reparasse, a toda a volta, naquele sinistro desarrumo, seria atraído, desde logo, pela intensidade das legendas escolhidas que, em lápides quadrangulares e em fitas esvoaçantes, pontuavam a extensão das vitórias passadas e dos deslumbramentos presentes. Eram as citações de *Os Lusíadas*, em letra gótica, “As armas e os barões assinalados”, “Cesse tudo o que a Musa antiga canta, / Que outro valor mais alto se alevanta”, “Se mais mundo houvera, lá chegara”. (p. 173)

A galeria dos heróis é, também, a de um “altar da Pátria” que a resume: os altos feitos geram-se na dor e na coragem, na vitória e no martírio, entre os nomes e a sua falta (o “soldado desconhecido”).

E ao longo das amuradas, agrupar-se-á a multidão dos construtores do Império, agigantadas figuras, saídas do atelier do escultor Leopoldo de Almeida, mareantes e guerreiros, monges e físicos,

poetas e artistas, capitaneados pelo fundador da Escola Náutica de Sagres, o qual, abrigado nas abas do seu largo chapéu, sustentando uma caravela, na mão direita, e exibindo um mapa, na esquerda, imperturbavelmente sonda o horizonte a conquistar. É um hino eloquentíssimo, este marco, ao empenhamento de um punhado de heróis que, vencendo temores e enxugando lágrimas, foram cravar padrões, com as cinco chagas de Cristo, nas praias desertas [...]. (p. 37)

Em livro (*Os Lusíadas*) ou em pedra (os Jerónimos, a Torre de Belém, etc.) ou em moderna construção no cenário antigo (a Exposição), é todo um itinerário que se percorre segundo um “guia” (*Como se deve ver a exposição*⁵), desde a Porta da Fundação, com quatro gigantes fundadores (guerreiros medievais). Além da esfera armilar e da “Nau Portugal”, a aventura imperial representa-se na cristalização do salto dos cavalos de Neptuno (*Cavalos Marinhos*, do escultor António Duarte), deus que cedeu a Portugal o domínio dos mares ignotos. Redimensionando o sonho de outrora, o espelho de água projetava-o já na geometria fluida de um futuro incerto... abalado pela simbólica e dramática viragem da “Nau Portugal” (projetada com base no estudo de livros antigos) no seu lançamento, tristemente incapaz de cumprir a função prevista (exposição dos produtos nacionais pelo *mundo português*), lamentavelmente transformada em barça e batelão rebatizado “Nazaré”.

Celebração do amor, plasma a história amorosa dos dois vocalistas António e Maria, em alternância vocal masculino-feminino emoldurando o coro nacional onde outros *solos* emergem, sobre a história coletiva, inscrevendo a primeira na segunda, através de uma comemoração coletiva: a Exposição do Mundo Português de 1940. Duplo centenário: da fundação da nacionalidade (1140) e da restauração da independência (1640). O que justificará um pano de fundo onde o discurso oficial celebratório se repercute na coletividade:

Ao dobrarem-se oitocentos anos, bem contados, sobre a fundação da Grei, oitocentos anos regados, pelo sangue, e redimidos, pela Cruz, são bem sombrias as nuvens que, de Oriente, a Ocidente, de Norte, a Sul, se acastelam, sinistras de ameaça, por

⁵Cf. o catálogo para o visitante reproduzido em <http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2012/06/exposicao-do-mundo-portugues-em-1940.html>.

cima deste nosso continente da Europa. E, se não nos cabe julgar as razões dos chefes deste Mundo, tanta vez enveredando por tortuosas sendas, muito menos nos será dado avaliar os desígnios do Rei dos reis, pois que são eles imperscrutáveis e sacrossantos. Abençoou-nos o Altíssimo, porém, com um Guia firme, que parece haver sido escolhido, mediante um favor especial, prestado a esta terra de gente humilde e temente e piedosíssima, com vista a conduzir-nos a porto bonançoso. (p. 37)

Fusionalmente, como desde o início, o perfil singular sintetiza o comunitário, representa-o, ou nele se refrata:

Sobre a lápide marmórea dos heróis, agora, projecta-se o perfil sereno deste lusitano austero, meditando na ressurreição da Pátria amorável, onde a Providência Divina o fez nascer. Do chão do seu torrão natal, fecundado pelos raios do sol e pelo suor dos trabalhadores, são os produtos ancestrais, que alimentam o camponês sapientíssimo, que se orgulha de ser, as couves e as batatas, o milho e o vinho. E, fortalecido pela sua inabalável fé, na obra titânica, em que emprega as mãos determinadas, e que jurou cumprir, com toda a inteireza, são aos milhões os portugueses, laboriosos e crentes, espalhados pelas sete partidas, que transporta ele na sua esteira. (p. 36)

Diante desse “altar da Pátria” (p. 41), a comunidade espanta-se:

Diante do altar da Pátria, um solene coral se alteia, por isso, vindo da garganta colectiva de uma raça imbatível, que decifrou, nas provações, o segredo da sua grandeza, e construiu, sobre o sangue dos seus mártires, esse Império enorme, que se espalha, abrigado à Cruz de Cristo, pelos cinco cantos do Globo. Em cada capelinha humilde, no cimo de uma montanha, saibamos render, ao Senhor dos Exércitos, o preito da nossa infinda gratidão, pedindo-lhe que acompanhe a sorte destes Seus fiéis, deles afastando os flagelos da peste e da guerra. E ajoelhemos, aos pés de Nossa Senhora, para lhe rogarmos que faça descer, sobre cada lar português, quando se desfia o rosário, à luz da candeia, uma chuva de

bênçãos que, como rosas perfumadas, cubram o sagrado solo de Portugal. (p. 41)

O complexo arquitetónico simboliza o império desde o seu projeto, passando pelas diferentes etapas da sua construção (a peninsular e a marítima, a da descoberta e a da ocupação e desenvolvimento) até à sua cristalização simbólica na pedra que parece suspender a História num momento de respiração coletiva que o estaticismo torna espectral anúncio de ciclo de queda.

Mundo inscrevendo o Mundo em si: a Exposição do Mundo Português (1940) consagra em título essa diferença e autonomia feitas de convicção de totalidade. Na literatura, *Mensagem* (1934) legenda-o, complementando essa hermenêutica da identidade nacional na senda do políptico de S. Vicente (1470-80) redescoberto e controverso, bebida a lição do *tempo* que *Os Lusíadas* (1572) exprimem no seu diálogo com os Jerónimos (séc. XVI)⁶.

Exposição que a epígrafe justifica com a voz do maestro desse tempo, Salazar:

Cada um deu, na modéstia ou na grandeza dos seus préstimos, tudo quanto pôde, e por esse tudo lhe somos gratos. Do fundo, porém, dos nossos corações, não podem deixar de erguer-se, ao comemorarem-se oito séculos de História, hinos de louvor aos homens mais que todos ilustres que os encheram com os seus feitos. (p. 9)

E a Exposição revisita a memória histórica, reforçando as constelações heroicas e que, por sua vez, é visitada pelo par amoroso em fase nupcial, num gesto que, simbolicamente, acabará por catapultá-lo para uma vivência além-mar, num outro Portugal, margem de onde assistirá e onde protagonizará a derrocada final do império celebrado, vivida até na progressiva perda de independência e de lucidez do casal.

A saída desse Éden do namoro semi-inconsciente da história mundial inicia um ciclo gerado na vivência ainda fusional com a cidade de Ulisses:

Alargava-se Lisboa, muito gradualmente, nos seus mármore picados, esclarecidos pela frouxa luz dos lanternins, sem que a

⁶Remeto para o que digo no meu *Luz & Sombras do Cânone Literário* (Lisboa, Esfera do Caos, 2014) sobre a inscrição cultural da Literatura e este caso específico.

nossa intervenção pudesse acrescentar-lhe, por um segundo, apenas, fosse o que fosse. E era essa alegria de nos acharmos, quase indefesos, nos braços da cidade plana, definida por avenidas e por estátuas, por jardins e por miradouros, com a sua loucura e com a sua perfídia, que nos sobrevinha, quase deliciosamente, à boca, naquele vestíbulo do sono. A essa hora bem-aventurada, a que se trocam os grandes afectos, mordíamos nós um fruto de Verão, fibroso e aveludado, no núcleo recôndito do Inverno ríspido, onde crepita, sem descanso, o mais alto, o mais impetuoso dos lumes.

E o comboiozito que, naquela manhã, nos fazia percorrer os carris da via marginal, era uma alcova, de facto, para o devaneio de dois namorados. (pp. 70-71)

Depois, a efabulação de outrora gerada na visita conduz à evocação da sua epopeia camoniana:

Como nenhum outro, cronicou o nosso Luís de Camões esta aventura inigualável, povoando-a dos deuses do Olimpo, inventando o Adamastor, relatando as batalhas e as tempestades e os escorbutos. (p. 95)

É uma efabulação que resgata o passado nacional, arrastando-o para o momento, presentificando-o num progressivo *outroraagora*, erguendo-o de novo numa compactação de tempos aspirada pela Exposição, sempre em uníssono, como Grei:

Dobrava-se o cabo da Boa Esperança, no meio de uma borrasca desenfreádisima, atravessada por procelárias desaustinadas, que pareciam augurar o fracasso da expedição. Mas eis que se abria o céu, de lés a lés, e se estampava a cruz de Cristo, num fundo que igualava o sangue liquefeito de Jesus, e lá progrediam as nossas caravelas, a “São Miguel” e a “São Rafael” e a “Bérrio”, em direcção à apoteose superlativa do império a construir. (p. 95)

O ciclo marítimo demonstra a alterização cultural nacional, a transformação da face coletiva através do multiculturalismo emergente resultante do encontro com o outro e da sua absorção:

Rasgados os caminhos dos cinco oceanos, para Norte e para Sul, para Nascente e para Poente, implantava-se Lisboa, no centro da Terra, diamante luminosíssimo. Aportavam a ela as barcas das sete partidas, trazendo toda a casta de gente mundanal e toda a espécie de preciosa mercadoria. Na Ribeira das Naus, entrecruzavam-se o ameríndio e o veneziano, o cafre e o flamengo, desvairadamente gesticulando, no desejo de se fazerem entender. E, para as portas do mar, davam os armazéns descomunais e escuríssimos, onde os lotes de pimenta e de tabaco se acumulavam, por entre as tulhas de chá e de gengibre e de cacau. (p. 118)

E essa metamorfose é vivida entre exaltação e pressentimento, tingida de profecia:

Nunca fora tão intoxicante a ascensão do incenso, nas intermináveis cerimónias da Semana Santa, quando os celebrantes, de roxo, numa estudada compunção, punham a oscilar os turíbulos, para que o fumo se libertasse, até que se perdesse, por detrás das colunas de talha lavrada. Um medo incompreensível, algumas vezes, deixava enlouquecida a multidão dos orantes, sobressaltados por um acorde fortíssimo, retinindo nas tubas de um órgão fabricado na Alemanha. Contavam-se os mistérios desfiados do rosário, no receio de se não chegar à cruz final, antes que algo viesse a suceder. (p. 119)

A “baforada de vento pestífero” (p. 119) assim anunciada culminará num terramoto avassalador, traumático, de que se ergue o gigante pombalino, mas talvez anuncie já o “furacão suspenso” (p. 136) já manchando com “sombra macabra as letras angulosas” (p. 137) da correspondência que soprará a derrocada final dessa construção prometeicamente ensaiada para além-mar, arrostando Adamastores e Velhos do Restelo. Os ventos na hermenêutica da História...

Ao Venturoso Emanuel reinando numa quinta-imperial “Lisboa, no centro da Terra, diamante luminosíssimo”, “rasgados os caminhos dos cinco oceanos, para Norte e para Sul, para Nascente e para Poente” (p. 118), sucede um Rui Manuel de uma burguesia decadente e atingida que “aceitou a água lustríssima

sobre a cabeça, olhando um pouco [...] de soslaio.” (p. 198). Entretanto, na correspondência “surgia a imagem de um território lancetado, à beira da desagregação, que nada, nem um espírito resignado e complacente, alcançaria salvar” (p. 137).

E, na desmontagem da Exposição, o hieratismo heroico esboroava-se, o gigantismo abatia-se e perdia-se na banalidade, o brilho cedia à corrosão:

Muito hieráticos, envolvidos em cordas, lá seguiam os nossos Maiores, em todo o seu volume trepidante, na caixa das viaturas. Miravam o futuro, durante o percurso, com uma crença irremovível, assim, no fado cumprido, e incarnavam, por isso, personagens miserandas, chorando as mágoas de uma história que se consumara. [...] Esfarelava-se tenuemente a pedra de que eram conformados os colossos pátrios, a polvilhar o chão saibroso, onde tinham assentado, numa auréola luminosa, como se houvessem imprimido, aí, por milagre, o peso da sua envergadura. E os que não recolhiam ao velho atelier, no qual tinham sido manufacturados, iam-se extraviando, entretanto, por diversas latitudes do País, a adornar um largo ou um parque, onde se fixavam, à protecção de uma magnólia ou de um jacarandá. Os outros, os de gesso, que revertiam às oficinas, acabavam por se despedaçar, a golpes de cinzel e de martelo, estilhaçando-se numa matéria friável, que se colava, com muita teimosia, à sola dos sapatos. Voltavam a planar, sobre a zona de Belém, os aviões de carga, que exerciam o trasfegamento das ferramentas e dos materiais, tornados indispensáveis, então, ao titânico desacampamento. E, vazios dos eméritos protagonistas da nossa Gesta, ficavam os pavilhões, invadidos pela salsugem corrosiva, bufada pela ventania da foz do Tejo. (pp. 168-169)

A música metálica dos clarins é, pois, celebração e *requiem* de um império e de um casamento, ambos feitos de amor, memória, esperança e fantasmas. Do Palácio de Cristal até ao espaço doméstico final, os rostos envelhecem, as vozes enrouquecem e a música estremece: no par amoroso, como na nação. A tocata é seguida de fuga, canto de encanto e desencantamento...

Esse Portugal evocado, simbolizado, (re)cantado e exposto desliza para a bruma da memória coletiva, de fantasmas agitados pelos ventos da Europa,

outra Europa também... sempre sob o signo d' “as nuvens que, de Oriente, a Ocidente, de Norte, a Sul, se acastelam, sinistras de ameaça” (p. 37), outrora como agora, *outroraagora*...

Nota: Este texto foi gentilmente revisto, para adequação às normas editoriais, pela Dr.^a Susana Vieira, a quem agradeço o cuidado.